

Robert Pechman e Walter Firmo



Nas frestas da cidade

A cidade se oferece ao olhar. Vem, vem espiar. Fecha um olho que você vai ver melhor. É ali naquela fresta, por aquele buraco da fechadura. Isso mesmo, você está vendo o banal, ali onde a cidade se reduz ao mínimo ou se traveste do avesso, mas ela ainda está lá. Não é espetáculo... é apenas uma cena urbana, é apenas o cotidiano escondendo alguma poesia que a cidade não para de secretar.



A jaca e o relógio

O Rio arde. Canícula de 101 graus.
A jaca trabalha para amadurecer nos calores da urbe.
O relógio mede seu caminho para a morte.
A jaca na cidade não tem esperanças,
Os mendigos têm dia e hora para canabalizá-la.
A jaca urbana elabora suas doçuras.
Em hora aprazada ela atirar-se-á sobre o asfalto,
suicidando suas delícias e espalhado seu futum sobre as calçadas.

Robert Pechman

é doutor em História pela Universidade Estadual de Campinas. Atualmente, é professor associado da Universidade Federal do Rio de Janeiro no Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional (IPPUR).

betuspechman@hotmail.com

Walter Firmo

é fotógrafo que começou no fotojornalismo e se transformou no mago das fotos coloridas. Sua bagagem de trabalhos o tornou fotógrafo de padrão internacional com muitos alguns fotográficos publicados e prêmios angariados. Suas fotos correram o mundo.

dudafirmo1@gmail.com



O Tenista enjaulado

O tenista vai sacar,
vai sair de sua imobilidade.
Mas ele está sendo vigiado
(terão medo da beleza de seu saque?)
O tenista vai sacar.
Mas ele está sendo farpado
(temerão a leveza da bolinha?)
O tenista vai sacar.
Mas ele está sendo engradado
(tremerão diante de sua liberdade?)
Mas o gesto do tenista é irreprimível:
a bolinha partiu, voa pelos céus
da cidade...



Ora bolas ...

E agora, José? A festa acabou.
E o que fazer com as bolas?
Ora, que façam a festa na rua!
Bolas, que rolem pelas calçadas
enfeitando nosso dia-a-dia!
A bola na rua sopra o cotidiano
e enche o dia de festa.
Ora bolas, o que não podem fazer
frágeis bolinhas soltas pela cidade...



Paisagem Urbana

A delicada dama
Finamente vestida
No avesso da cidade
Compõe a paisagem travestida

Paisagem desértica

Saara. O deserto.
Saara. O lugar.
Saara, ilha gritante e tórrida que acolhe
a tudo e a todos.
Colonização do deserto. As lojas explodem em flor.
Ali é sempre primavera, onde flores de um oásis
urbano expulsam a desertificação lá para os lados
da Presidente Vargas.
Oásis de odaliscas que invadem vielas labirínticas,
onde parece não se sair do lugar, onde tudo
parece igual.
Odaliscas nas calçadas e nas vitrines.
Por trás de cada uma, na sua alma, a cicatriz do
harém: o pano que encobre para esconder segredos.
Manecas, bonecas. Mulheres odaliscas.
Onde estará a verdade?
Quem olha para quem nesse *SHUK*
onde tudo se vende?
Que Orientes cochicham sibilantes palavras
aos ouvidos da mulher: “desvelem os véus,
revelem seus segredos”.
Quem é mulher, quem é maneca. Nunca saberemos
sem subirmos as dunas e sem nos deixar inebriar
pelas miragens desérticas que turvam toda a visão.



Paisagem Mercantil

Na cidade mercantil
Por debaixo dos panos
Se insurge a intimidade
A contar mais que uma verdade



Troa Trombone

O trombone apitou sua derradeira nota.
Terá desafinado? Estragado a festa para
a qual foi convocado?
O trombone não mais troará nos salões.
Uma tristeza enorme se abateu sobre
a cidade...



Pela Fresta

Olhei pela fresta e vi.
 Pelo buraco da fechadura,
 bisbilhotei.
 Espiei embevecido.
 Mirei aparvalhado.
 Ela oferecia sua nudez
 aos fantasmas da ruína.
 Eu fiquei arruinado.



A Voragem do Olhar

José de Alencar era fissurado
 no olhar das mulheres.
 E não se tratava nem
 do “olhar de ressaca” de Capitu.
 Hoje, estátua na praça, sentado
 em confortável cadeira,
 não para de olhar as gostosas passarem.
 Oh, Zé, hein, quem diria?



Menina Engessada

Todos diziam que a casa era mal-assombrada,
Que há muitos anos atrás um feiticeiro
havia transformado a menina em estátua.
Doce menina que nunca sai do lugar.
Mas contam que de noite - já viram -
ela sai pra namorar.



Ruínas do Tempo

O tempo passou sobre a cidade
Desligou os rádios,
Torceu o pescoço das velhas bonecas
e espalhou a poeira da morte sobre tudo.

Tempo de Ruína

O que pode um velho diante
de tanta novidades?

